

PATRÍCIA MELO

“Antes de pensar em personagens, até na própria história, penso num tema que quero trabalhar. É um processo muito parecido com o trabalho dos acadêmicos.”

Mestres e doutorandos, Sergio Schargel* e Camila Uchoa** entrevistaram a escritora paulista Patrícia Melo no ano passado e agora compartilham conosco o resultado da conversa animada e reveladora que tiveram, em que a ficcionista aborda aspectos importantes de seu processo criativo, bem como questões relativas ao mercado editorial e outras. Os entrevistadores começam por apresentar a entrevistada e, depois, lhe dirigem as perguntas que seguem:

“Patrícia Melo tem vinte e sete anos de carreira literária e é uma das escritoras mais reconhecidas hoje na literatura brasileira contemporânea. A escritora, roteirista e dramaturga é nascida em São Paulo, onde iniciou seus estudos na Faculdade de Letras da

* Mestre em Ciência Política pela UNIRIO e em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-RJ, e doutorando em Literatura Brasileira pela USP, com outros doutorados em andamento nas áreas de História Comparada, Comunicação e Ciência Política, respectivamente na UFRJ, na UERJ e na UFF.

** Mestre em Comunicação pela PUC-RJ e doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade na mesma universidade.

PUC-SP. Enveredou em seguida pelo caminho do cinema, trabalhando com roteiro, mas retornou à sua paixão, a literatura, em 1994, com sua obra de estreia *Acqua Toffana*. Com uma prosa marcadamente violenta e urbana, foi vencedora do Prêmio Jabuti de 2001 com o romance *Inferno*. Seu romance mais recente, *Mulheres empilhadas*, de 2019, traz à discussão o feminicídio.

Atualmente a escritora vive em Lugano, na Suíça, de onde concedeu esta entrevista por meio da plataforma *Google Meet*, no dia 14 de maio de 2020. Nela, falou sobre o seu estilo de prosa, seu livro mais recente, a importância de Rubem Fonseca como influência e os mercados editoriais brasileiro e europeu”.

Sergio Schargel – *Em uma entrevista ao Estadão, você disse uma frase que achei maravilhosa: “A civilização é uma coleira, uma gaiola para a nossa selvageria. De vez em quando, a gente escapa da coleira, e aí...” Você realmente acredita que a sociedade funciona como uma espécie de amarra contra esse estado de natureza?*

Patrícia Melo – Acho que não só a sociedade. Nós criamos algumas estruturas que são controladoras da nossa selvageria. Por exemplo, a própria ideia de bondade. Eu, francamente, não acredito em bondade. Acho que a bondade é um conceito derivado das práticas religiosas, que também são uma criação nossa, para lidar com a nossa própria selvageria, com esse nosso *thánatos*, que é uma pulsão tão violenta e intensa quanto o próprio ímpeto criador do ser humano. Acho, então, que a sociedade, a bondade, são espécies de ferramenta salva-vidas, pois, de outra forma, estaríamos condenados mais rapidamente ao desapare-

cimento. São amarras que nos permitem sobreviver, senão nos mataríamos mais depressa do que temos feito nessa civilização, destruindo nossa fauna, nossa flora. Vamos, de uma forma mais lenta, com essas amarras. Sem elas, a espécie humana teria durado muito menos. Desculpem-me, se sou muito pessimista.

Sergio Schargel – *Aproveitando o gancho, você falou no Instituto¹ sobre a pesquisa exaustiva que fez para o Mulheres empilhadas. Você pode falar um pouco sobre o processo de criação desse livro específico? Você fez uma imersão, você foi para o Acre, não é?*

Patrícia Melo – O *Mulheres empilhadas* foi um projeto todo diferente. Eu geralmente faço as minhas pesquisas sozinha, dedicando uma parte grande da preparação do livro à pesquisa. Nesse caso, morando aqui na Suíça, fiz uma coisa que nunca tinha feito antes. Contratei uma jornalista-pesquisadora. Na verdade, não fui eu que a contratei, mas a minha editora, Leya. Convidamos a Emily Sasson Cohen, jornalista e feminista, uma pessoa admirável, que foi os “meus olhos” e “meus ouvidos” nessa pesquisa. Ela foi a campo, no Acre. Eu, evidentemente, pautei toda essa pesquisa, fiz um projeto, desde a decisão de situar a história em Cruzeiro do Sul, no Acre. Depois de definidos os primeiros passos, pedi que a Emily fosse para o Acre com questões muito pontuais para ela observar e pesquisar. Foi realmente uma imersão o que fizemos.

¹ Instituto Igarapé, onde Patrícia deu uma palestra sobre o lançamento de *Mulheres empilhadas* no início de 2020.

A Emily travou um grande debate com advogados, procuradores, feministas, pessoas que atuavam na delegacia da mulher, enfim, desenvolvemos uma pesquisa bem profunda sobre a questão do feminicídio e da violência contra a mulher no Brasil. Mas foi uma pesquisa que acontecia juntamente com a elaboração do romance. Muitas vezes a informação da Emily chegava depois que determinado capítulo estava pronto, e eu tinha que voltar para corrigir eventuais erros. Foi muito bom ter esse apoio de pesquisa. Foi a primeira vez que trabalhei assim. Conheci a Emily, porque ela era a pesquisadora de um amigo meu, que escreveu *Nêmesis*, Misha Glenny, jornalista inglês que esteve no Brasil durante um tempo para escrever a história do Nem da Rocinha. Misha tinha contratado a Emily exatamente porque ele não falava português e estava longe. Depois, ele até aprendeu a nossa língua e foi ele quem me indicou a Emily como sendo uma pesquisadora muito diligente. De fato, ela é, deu tudo muito certo, e eu gostei bastante do processo. Fizemos realmente um mergulho nessa questão da violência contra a mulher.

Sergio Schargel – *Uma pergunta que eu não tinha pensado, mas você falou agora... De literatura brasileira contemporânea, o que você tem lido e gostado?*

Patrícia Melo – Estou terminando de ler *Homem e mulher*, do Sergio Sant’Anna, que é uma obra-prima. É das coisas mais perfeitas do Sergio, acachapante. O conto é uma estrutura cerceadora para o escritor, ela o amarra muito, porque ali há um formato. Mas o Sergio tem um tal controle da narrativa do conto,

e, ao mesmo tempo, uma tal habilidade, dentro dessa estrutura, para ampliar os personagens, que ele os torna profundos. Realmente, o Sergio é uma pérola da nossa literatura. Gosto também do Bernardo Carvalho, acho que ele tem uma prosa muito marcante. Sempre há um estranhamento dentro do estilo dele, ele trabalha bastante a questão de identidade, pontos que admiro muito. Destaco, ainda, a Juliana Leite. Eu li o último livro dela, achei-o muito bom, me fugiu o título agora². Quem eu também tenho lido ultimamente é Milton Hatoum, de quem gosto desde sempre. Acho que ele já é clássico. Tatiana Salem Levy também é uma excelente escritora. Acabei de ler um romance que ela nem publicou ainda. Por causa da pandemia, acho que ela só vai publicá-lo ano que vem no Brasil, mas eu tive a sorte de ler os originais. Estou falando só das coisas que li ultimamente, não quero cometer nenhuma injustiça. Vivemos um momento muito rico da literatura brasileira e tem muita gente boa chegando.

Camila Uchoa – *Quando eu terminei de ler Valsa negra, eu pensei: “A Patrícia é uma leitora do Rubem Fonseca”. Queria que você falasse um pouco sobre isso. Ele faleceu recentemente e eu gostaria de saber a importância que ele teve na sua formação como escritora.*

Patrícia Melo – A importância foi enorme, tanto no meu desejo de ser escritora, quanto na minha formação. Eu li muito Rubem Fonseca na minha juventude, na minha mocidade. Sem-

² *Humanos exemplares*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

pre digo que o Rubem inaugurou a escola urbana de literatura. Até a chegada dele, a literatura urbana era uma literatura de exceção. Tínhamos Machado de Assis, Lima Barreto, mas você vê que a cidade retratada por Lima Barreto e por Machado de Assis era província, não tinha esse caráter da metrópole, essa arena da injustiça social, do homem solitário, desesperado. Isso foi o Rubem que traduziu em personagens, cheiros, narrativas, e num estilo muito próprio, de modo que a importância dele foi fundamental. Eu fiz um tour de lançamento do meu romance, acho que era o *Elogio da mentira*, na Europa, junto com o Chico Buarque. Quando eu falei que o Rubem era importante para os escritores da minha geração, o Chico contestou: “Não, ele é importante para os escritores do Brasil, de uma forma geral”. Portanto, não é só a minha geração que foi afetada pelo Rubem, mas gerações posteriores e anteriores à minha. Ele foi um norte na literatura brasileira. E a morte dele só deixa a vida mais triste. Além de ser um escritor que eu admirava muito, era um grande amigo, meu melhor amigo nos últimos 25 anos. Nós éramos muito próximos. Eu tinha um grande carinho e respeito por ele. A vida e a literatura ficam mais tristes sem ele.

Sergio Schargel – *A adaptação de O matador³ para o cinema teve envolvimento seu? Como foi?*

³ O filme, de 2003, intitulado *O homem do ano*, foi dirigido por José Henrique Fonseca (filho do escritor Rubem Fonseca) e teve seu roteiro baseado no romance *O matador*, de Patrícia Melo, publicado em 1995. Como esclarece Patrícia, a adaptação para o cinema foi feita por Rubem Fonseca.

Patrícia Melo – Não. Foi o Rubem Fonseca quem fez. Para mim, foi uma honra enorme que ele quisesse adaptar meu livro para o cinema, mas eu só li as versões que o Rubem escreveu, sem participação direta. Eu apenas tomava parte nas reuniões com o Zé Henrique, que dirigiu o filme, mas foi totalmente do Rubem a ideia da adaptação.

Sergio Schargel – *Aproveitando que você mencionou Elogio da mentira. É um livro incrível, que tem toda uma trama paralela, na qual a questão da autoajuda aparece. O livro parece fazer uma crítica ao mercado de autoajuda, principalmente no Brasil. Já é um romance antigo, mas você ainda pensa da mesma forma? Como você enxerga o mercado de autoajuda no Brasil e o mercado editorial em geral?*

Patrícia Melo – Na verdade, era uma crítica ao mercado editorial. Essa ideia de que a mentira é sempre muito mais saborosa do que a verdade, em vários níveis, é explorada na narrativa, e muito visivelmente nessa questão da autoajuda. Na época, década de 90, nós brincávamos que o escritor, para ser respeitado, tinha que publicar um “tijolo editorial”. As novelas tinham que ser extensas, esse era o modismo da época. E, muitas vezes, as pessoas compravam e nem liam, porque não tinham tempo para ler aquilo, ou porque não tinham o interesse de dedicar tanto tempo a um escritor só. Acho que a autoajuda que, naquele momento, estava muito em voga, perdeu espaço. Hoje, sinto que o mercado editorial gosta mais das narrativas confessionais. Essa coisa meio o crime confessado ou a culpa expiada. Isso alcança uma visibilidade maior e, portanto, é mais explorado pelo mercado editorial. Havia uma

febre de autoajuda na década de 90, mas o fenômeno não ficou restrito àquele período. Ele continua existindo e vai sempre existir no mercado editorial, de várias formas. A autoajuda muda às vezes de formato, de nome, mas permanece. Vejo-a, hoje, muito mais infiltrada nas mídias sociais, que, de certa forma, se apropriaram dela, num gênero de autoajuda embutido em perguntas do tipo: “Como fazer isso?”, “Como sobreviver?” As mídias sociais fizeram quase um sequestro desse mercado de autoajuda.

Sergio Schargel – *Virou profissão. Com coachings.*

Patricia Melo – Exato. Virou uma profissão. E para todas as áreas, não é? Desde “Como se vestir?”, “Como sair de um relacionamento?” até “Como conquistar liderança?” Era só uma fatia do mercado editorial, hoje é uma fatia do mercado global. Mas, no meu romance *Elogio da mentira*, só para encerrar e responder mais especificamente à sua pergunta, o mais importante era a ideia da mentira mesmo. Eu queria trabalhar as várias facetas da mentira. A mentira como versão, a mentira como ilusão, a mentira como profissão, que ocorria no caso da autoajuda. Eu sempre sou muito orientada por temas, os meus livros sempre surgem de temas. Antes de pensar em personagens, até na própria história, penso num tema que quero trabalhar, como agora estou pensando na miséria. Como é que vou trabalhar o tema escolhido? Primeiro, penso, estudo, vejo os autores que trabalham com o tema e me agradam, faço uma pesquisa mais conceitual e começo a realizar uma espécie de tradução disso para uma história.

Sergio Schargel – *Muito interessante, porque é realmente um processo de pesquisa. Você pega um tema amplo, como o feminicídio, a miséria, a mentira, conceitos de uma certa forma, e, pelo que entendi, vai fazendo um afinilamento?*

Patrícia Melo – Exatamente, é um processo muito parecido com o trabalho dos acadêmicos.

Camila Uchoa – *É o que eu ia dizer!*

Sergio Schargel – *Estava pensando que esta é precisamente a forma como eu trabalho. Quando entrei no mestrado, sabia que eu queria estudar o fascismo, mas ainda não fazia a menor ideia de como.*

Patrícia Melo – Você lê um autor de que gosta, este leva você a outro, que leva a outro, e, dentro de cada autor, questões específicas vão chamando a sua atenção e você vai se aprofundando em certas faixas, que têm mais a ver com o seu interesse, e ali você vai desenvolvendo as suas ideias. O meu processo criativo é muito semelhante. Eu tenho vários amigos acadêmicos e sempre conversamos sobre isso. A semelhança é grande mesmo.

Sergio Schargel – *Isso também enriquece a sua literatura. Não se trata só do enredo. Há uma série de referências, de pequenos detalhes, que você vai notando conforme conhece os autores, dentro de suas obras e até nas epígrafes que escolhem.*

Patrícia Melo – Eu tento fazer isso, acho que é importante. Por isso, eu preciso de um tempo mais largo para pesquisa, eu

preciso ler. Até você estudar, e estudar mesmo, aprender e poder escrever, vai um tempo... Acho que a imaginação floresce de uma forma muito mais livre se ela parte do conhecimento. Se você tem essa base de conhecimento, você dá um adubo riquíssimo para a imaginação. Senão, você trabalha com estereótipos, com estrutura... É um trabalho incrível também, não o estou desmerecendo, mas, como ficcionista, prefiro sempre trabalhar a partir de conceitos, de temas, que têm a ver com a nossa realidade. Este é um caminho que me interessa mais.

Sergio Schargel – *Bem, e para encerrar, o que você sugere para quem tenta escrever e produzir literatura no Brasil? Mercado editorial na Suíça é mais fácil? Mais difícil? Você tem publicado na Suíça também?*

Patricia Melo – Eu publico na Europa toda, e não só lá, mas o mercado editorial está sofrendo uma enorme recessão. Assim, a Alemanha, que tem um mercado muito saudável, diminuiu sensivelmente sua produção no ano passado. Nos últimos dois anos, na verdade. É cada vez mais difícil ser escritor. Não só pelas dificuldades inerentes ao próprio mercado, mas também pelo fato de que as outras linguagens e a própria tecnologia absorvem muito os indivíduos, retiram deles bastante do tempo que um dia já foi dedicado à literatura. Antigamente, todo esse tempo que as pessoas gastam com *Facebook*, com *Instagram*, com *Twitter*, era um tempo de introspecção que elas poderiam dedicar à leitura. Hoje não, o escritor compete com tudo isso, o seu livro está lá, mas a pessoa tem ali uma dinâmica na vida dela em que tudo é importante.

Agora, eu acho que, quando você quer ser escritor, você não pode pensar em nada disso. Você não pode pensar em mercado, porque, francamente, se eu fosse pensar em mercado hoje, eu parava de escrever, ia fazer outra coisa, ia fazer televisão, série, coisas que dão mais dinheiro, que são difíceis também, mas remuneram melhor. No que diz respeito à literatura, os mercados são cada vez mais restritos. Menos gente lê, é ilusão pensar que hoje se tem mais leitores; existem menos leitores. Cada vez mais, a introspecção perde espaço na cultura contemporânea. As pessoas não conseguem ler mais, porque estão tão acostumadas a serem entretidas de maneira frenética pelas mídias sociais que a literatura parece um espaço de tédio para elas. Elas precisam ser chacoalhadas e viradas de ponta-cabeça para sentirem emoção. E com a literatura não é assim. Com a literatura, para ter essa emoção, você precisa fazer um movimento de introspecção, voltar para dentro, funcionar quase como um coautor. Você se engaja na imaginação do autor e participa da criação desse autor. Há um processo de criação que exige um tipo de engajamento do leitor que não é requerido, de forma geral, para você se divertir no *Facebook* ou no *Instagram*, em que, é só ligar, que você é captado. Como Neil Gabriel diz: é uma transcendência fácil. A literatura não, ela é uma transcendência difícil. Você precisa, em primeiro lugar, aprender a introspecção. Aprender a ficar sozinho com você mesmo. Aprender a alimentar a sua imaginação.

Tudo isso para dizer, sobretudo para uma pessoa que está começando, que é preciso esquecer o mercado, e escrever. Você precisa ter diligência, escrever todo dia, isso é fundamental. Não se pode escrever um livro só quando você tem tempo. Você tem

que escrever todo dia. Ainda que seja por pouco tempo, ainda que você só tenha uma hora, duas horas por dia, você tem que escrever todo dia. Em segundo lugar, você tem que alimentar a sua capacidade de observação, se dedicar a isso, saber olhar. E como se aprende a olhar? Olhando. Tirando o olho da tela e olhando para o outro, olhando para a cidade, olhando para quem está sentado ao seu lado no ônibus, olhando para quem está andando na sua frente, para quem está fazendo compra no supermercado com você, para a pessoa que está sentada ao seu lado na lanchonete. É assim que você aprende a olhar. E cultivando a sua imaginação. Para mim, estas três coisas têm igual importância. Muita gente acha que, para você ser escritor, você só precisa de imaginação. Grande engano. Imaginação é só um componente. Não é só a capacidade de fabular, e a capacidade de fabular de uma pessoa está intimamente associada à sua capacidade de ser uma leitora, porque, enquanto leitora, ela está fabulando junto com o autor. É assim que ela desenvolve a imaginação. Em seu exercício de leitora, durante os anos, ela vai alimentando a sua capacidade de fabulação, que usará depois como escritora. Então, para ser escritor, é preciso ler muito. Muita leitura, diligência, e escrita diária. Ainda que sejam textos ruins, para se jogarem fora, é necessário escrever tudo e ir observando ao redor, porque escrevemos dentro da realidade que vivemos. Precisamos conhecer um pouco essa realidade, olhar para ela. Os personagens estão ali, aqui, do nosso lado. Temos que aprender a olhar.

Sergio Schargel – *Só uma última questão, de que me lembrei agora. Você também escreve para teatro e também é roteirista, não é? Como*

é essa experiência com o teatro? É muito diferente da experiência de escrever um livro?

Patrícia Melo – Sim. Eu não sou bem assim uma dramaturga. Escrevi umas cinco ou seis peças. Tenho, por exemplo, *Duas mulheres e um cadáver*, que é continuamente encenada na Europa. Na Alemanha, na Áustria, há sempre uma montagem dela. Mas, para mim, é sempre uma dificuldade escrever para teatro, como também escrever para cinema, porque são formatos que têm muita técnica. Um romance é um formato mais anárquico, ele permite a você fazer o que quiser, você não precisa se prender a nada. E eu gosto dessa forma anárquica de trabalhar. É como me sinto mais à vontade. Por isso, me sinto muito mais feliz como ficcionista do que como roteirista ou dramaturga, mas a questão é que você não consegue viver só como ficcionista, não é? Todos os meus amigos autores, ou são jornalistas, ou são professores, ou são roteiristas. Você tem que ter algumas atividades para conseguir sobreviver. Então, eu continuo escrevendo, para teatro menos, mais para TV, para cinema, mas o que eu gosto mesmo de fazer é literatura. Onde eu me realizo mesmo, de forma autoral, é na literatura.

Submetida em 02 de dezembro de 2021.

Aceita em 05 de dezembro de 2022.